

★ SE FOR CULPADO, AI DE MIM OU O LIVRO DE JÓ, UMA TRAGÉDIA?

João Pedro Castro da Luz

Bacharel em teatro pela Escola Superior de Artes Célia Helena (ESCH) e em Arte, Teatro, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp).

Palavras-chave:

Livro de Jó.
Bíblia.
Tragédia.
Prometeu acorrentado.

Resumo: O presente artigo busca responder se o *Livro de Jó*, concebido por volta do século V a.C., pode ser considerado uma tragédia, assim como as tragédias gregas, escritas por volta do mesmo período, através de uma análise comparativa deste livro com *Prometeu acorrentado* e da utilização de alguns conceitos dados pela *Poética*, de Aristóteles, para a concepção de uma tragédia, como a necessidade de prólogo, epílogo, êxodo e coro. Não esquecendo as diferenças entre as culturas grega e hebraica, de onde *Prometeu acorrentado* e o *Livro de Jó* surgiram.

Keywords:

Book of Job.
Bible.
Tragedy.
Prometheus Bound.

Abstract: The present article seeks to answer whether the *Book of Job*, conceived around the fifth century BC, can be considered a tragedy, as well as the Greek tragedies, which were written about the same period, through a comparative analysis of this book with *Prometheus Bound* and the use of some concepts given by Aristotle's *Poetics* for the conception of a tragedy, such as the need for prologue, epilogue, exodus and chorus. not forgetting the differences between Greek and Hebrew cultures, from which Prometheus bound and the book of Job emerged.

Vede as injúrias que hoje me aniquilam
E me farão sofrer de agora em diante Durante
longos, incontáveis dias!
Eis os laços da infâmia imaginados
Para prender-me o novo rei Dos bem-aventurados!
Ai de mim!
Os sofrimentos que me esmagam hoje
E os muitos ainda por vir constrangem-me
A soluçar.
Prometeu Acorrentado

Se tão somente pudessem
Pesar a minha aflição
E pôr na balança a minha desgraça! Veriam que o
seu peso é maior
Que o da areia dos mares.
Por isso as minhas palavras
São tão impetuosas.
As flechas do Todo-poderoso
Estão cravadas em mim,
E o meu espírito suga delas o veneno
Que esperança posso ter,
Se já não tenho forças?
Como posso ter paciência,
Se não tenho futuro?
Acaso tenho a força da pedra?
Acaso a minha carne é de bronze?
Haverá poder que me ajude
Agora que os meus recursos se foram?
Livro de Jó

Apresentação

É conhecido que a origem do espetáculo teatral está fundamentada na Grécia antiga, mas, não sendo a Grécia a única civilização no século V a.C., fica difícil acreditar que ela tenha sido a única a fazer algo que tenha se aproximado da forma ritualística da qual se desenvolveu o teatro, principalmente considerando-se os feitos culturais das civilizações contemporâneas à Grécia: a Mesopotâmia e o Egito. Partindo dessa perspectiva, há um livro concebido também por volta do início do Século V a.C., que assemelha-se bastante às tragédias Gregas, contido na Bíblia, conhecido por *Jó* ou *Livro de Jó*.

O *Livro de Jó*, dentre os livros bíblicos, tem seu desenvolvimento não por narração, como é comum em grande parte desses livros, mas por diálogos. Além de conter muitos dos elementos, descritos por Aristóteles em *Poética*, necessários para uma tragédia, como prólogo, epílogo e episódios. Portanto partindo desses pontos, este artigo busca saber se o *Livro de Jó*, poderia ser considerado uma tragédia, utilizando como obra para análise comparativa a tragédia *Prometeu acorrentado*, de Ésquilo.

Parte 1 – O Livro de Jó

Dados históricos

No século V a.C., o povo hebreu, que foi exilado de sua terra por conta ascensão do império Babilônico, estava de volta ao seu país. Por conta desse exílio e do contato com culturas distintas, o desenvolvimento literário aumentou consideravelmente entre os hebreus, assim como se pode ver na introdução aos livros sapienciais da Bíblia de Jerusalém (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2015, 800) e na dissertação de mestrado de Ornella a respeito da datação aproximada do livro: “Descobertas arqueológicas dos últimos séculos contribuíram para

que se concluisse que Israel sofreu de fato grande influência cultural dos povos vizinhos do Antigo Oriente Próximo” (ORNELLA, 2013, 17).

Não há como precisar a data da constituição do livro de Jó, porém, no livro, encontram-se referências que remetem a diversos períodos históricos evidenciados, principalmente, pelas contradições na escrita. As possibilidades são tantas que existem hipóteses que o datam desde a época pré-mosaica (século XIV a.C.) — após os patriarcas bíblicos (Abraão, Isaque e Jacó) — até o século II a.C.

Apesar de ser praticamente impossível afirmar a data de confecção da obra, a bíblia de estudos de Jerusalém indica que o momento mais apropriado para seu feitiço é no século V a.C. (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2015, p. 801), e na dissertação de Ornella existem argumentos para as diversas datas:

A vida do povo do antigo Israel inseria-se na atmosfera internacional da época. Não surpreende, portanto, que a sabedoria, o folclore internacional, o pessimismo egípcio e o ceticismo mesopotâmico possam ter influenciado a composição do escrito, e que estes elementos possam ser utilizados para uma fixação da data de redação da obra. Critérios aproximados foram utilizados, baseando-se em dois ou mais argumentos, para situar a redação da parte poética e da moldura narrativa da obra na época pré-exílica ou pós-exílica. (ORNELLA, 2013, p. 17).

Dos argumentos usados, tanto na dissertação, quanto na *Bíblia de estudos*, as explicações de que o *Livro de Jó* possui aspectos que o aproximam dos livros Jeremias e Ezequiel (dois profetas bíblicos pós-exílicos), principalmente no que se trata de expressão e pensamento e a utilização do Pentateuco (cinco primeiros livros da Bíblia) como referência para diversos pontos no discurso do livro bíblico (incluindo: instrumentos musicais e a criação do homem, contidas nos capítulos iniciais de Gênesis), são relevantes para chegar a uma explicação de que o livro se situaria após o exílio hebreu na Babilônia (iniciado no ano 598 a.C. e terminado

depois de 50 a 70 anos aproximadamente), ou seja, por volta do século V a. C.

Outro ponto que serve como prova para a teoria para a datação do *Livro de Jó* no século V a.C. é a especificidade do termo Satã, como diz Ornella (2013, 25) em sua tese: O termo “שָׂטָן (Satan)’ usado com o artigo definido ‘ה’ (H equivalente à “o”), no *Livro de Jó* (JÓ 1,6-9.12; 2,1-7), possui uso distinto do que ocorre em 1 Crônicas 21,1, onde é usado sem artigo. No primeiro caso, trata-se de uma função em que Satã é um adversário em geral, ou um acusador, membro da corte celeste. No segundo caso, Satã designa um personagem bem definido, princípio do mal. Portanto, Jó seria anterior ao livro das Crônicas e, como este último é datado do século IV-III a.C., o livro de Jó teria sua redação em tempo anterior, provavelmente, no século V a.C.

Sendo assim, a possibilidade de as culturas Helênica e Hebraica, de alguma forma, terem se cruzado é grande, por viverem em um mesmo período histórico e pela proximidade geográfica entre as nações, possibilitando o encontro das culturas e uma consequente influência dos aspectos da forma trágica no modo de escrita do *Livro de Jó*.

Conteúdo do *Livro de Jó*

Apesar de não ter data definida para sua constituição, é claro que o personagem Jó vive na época dos patriarcas. Algumas das razões que comprovam são: Jó realiza os próprios sacrifícios, sem esperar por um sacerdote e não existem citações sobre o povo Hebreu, nem referências aos patriarcas, como é comum nos demais livros.

O prólogo, escrito em prosa, mantém um cunho de narrativa popular, estabelecendo o local do acontecimento e o antecedente da história, e apresenta também os personagens: Jó, o personagem central da história, Elifaz, Baldad e Sofár, seus amigos, Deus e Satanás, os personagens que decidem os rumos da vida de Jó. Sendo que Satanás só aparece nesse prólogo.

“Na terra de Uz vivia um homem chamado Jó. Era um homem íntegro e justo; temia a Deus e

Evitava fazer o mal” (JÓ 1:1), vive em Uz, que se encontra ao sul de Edom, a terra dos edomitas, ao leste da Palestina. Essa é uma informação importante, pois Edom, assim como Oriente, é considerado por Israel como Pátria da Sabedoria. Logo após este primeiro versículo é informado quantitativamente o tamanho de suas riquezas: “Sete filhos e três filhas, sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois e muita gente a seu serviço. Era o homem mais rico do Oriente.” (nesse período a riqueza era demonstrada pelas posses). Em hebraico Jó (Yov, Yob) significa “o que geme, o perseguido, o molestado, o atribulado”. Para outros, o nome significa “Voltado sempre para Deus”. Ou seja, Jó não era um homem comum.

Após a apresentação do caráter e das riquezas de Jó, o prólogo conta a série de catástrofes que acontecem com este, que o fazem adoecer gravemente, perder seus filhos, riquezas e ser abandonado pela esposa, mas ainda assim ele continuamente a Deus. Então ele recebe a visita de seus amigos para consolá-lo.

Os amigos de Jó são: Elifaz da região de Temã, Bildade de Suá e Zofar de Naamate. As três cidades respectivas dos amigos, por serem situadas próximas à de Jó, também são consideradas pátrias da sabedoria, por isso os amigos estão em pé de igualdade para discutir com ele. A ordem das falas segue a lógica da idade, ou seja, o mais velho fala primeiro, sendo Jó o mais velho, seguido por Elifaz, Bildade, Zofar e por fim Eliú.

A partir do terceiro capítulo, se inicia a parte escrita em versos seguindo-se essa ordem de falas, cada uma com capítulos inteiros: Jó (Jó, 3); Elifaz (Jó, 4 e 5), Jó responde à Elifaz (Jó, 6 e 7), fala de Bildade (Jó, 8), Jó responde Bildade (Jó, 9 e 10), fala de Zofar (Jó, 11) e Jó responde Zofar (Jó, 12-14), finalizando o primeiro dos três ciclos de diálogos.

Ao todo são três ciclos de diálogos entre Jó e seus amigos (o segundo entre os capítulos 15-21 e terceiro entre os capítulos 22-27), seguindo essa ordem nas falas no segundo ciclo e tendo altera-

ções nessa ordem no terceiro ciclo, logo após o terceiro ciclo de discursos há um Elogio à sabedoria (Jó 28), uma espécie de canto, onde não se é identificável quem o entoia, e então entra a defesa final de Jó (Jó 29-31).

Os diálogos de Jó com seus três amigos se dão como uma espécie de tribunal, Elifaz, Bildade e Zofar argumentam contra Jó, quase o forçando, para que ele se arrependa de seus pecados contra Deus, já que eles acreditam que para uma pessoa sofrer tanto ela deve ter um grave pecado, e Jó se defende das acusações sempre afirmando que nunca fez nada de errado. Os argumentos usados por eles são diversos, mas Jó mantém sua paciência diante das acusações e zombarias de seus amigos.

Com o fim da defesa de Jó começam os discursos de Eliú (Jó 32-37), precedido por uma pequena narração para introduzi-lo. Nessa introdução, diz-se que ele é o mais jovem dos que se encontram ali, além de ser o único personagem de quem são citados os antepassados e a qual família pertence. É importante ressaltar aqui que a intervenção de Eliú, além de não ter sido preparada nos diálogos anteriores e de o personagem nem ser citado no prólogo ou no epílogo. ele possui a argumentação, o vocabulário e o estilo diferentes dos demais e isso dá a impressão de que o discurso foi introduzido posteriormente.

Terminadas as falas de Eliú, sem resposta de Jó, vem o diálogo final, entre Deus e Jó (Jó 38-42.6). O livro finaliza com um epílogo, uma pequena narração contando que fim levou cada um dos personagens.

A tradução grega, a Septuaginta, contém duas adições ao final do livro de Jó. Uma delas diz que Jó habitava “o país de Ausítide, nos confins da Idumeia e da Arábia” e o identifica como Jobabe, que de acordo com a genealogia contida no livro de Gênesis foi um dos chefes de Edom, antes de haver rei entre os israelitas, sendo filho de Zerá, de Bozra, e sucedendo Belá, filho de Beor. Apesar de não haver mais informações sobre isso, fica também a dúvida se Jó existiu ou se sua história é ficcional.

Parte 2 – *Prometeu acorrentado*

A Tragédia Grega

A Tragédia Grega era apresentada no festival competitivo em homenagem ao deus Dionísio e ocorria na época da colheita de vinho, em Atenas, uma vez ao ano durante três dias inteiros. Nessa ocasião reunia-se toda a cidade no “teatro” para assistir à encenação das tragédias, com os atores mascarados e o coro dançante, geralmente constituído por 12 coreutas, no máximo quatro atores no palco, sendo que os personagens eram alternados entre eles.

O festival consistia em uma competição dramática entre três dramaturgos, especialmente escolhidos, que deviam escrever três tragédias e um drama satírico para a competição, um autor por dia, seguindo no texto determinados critérios pré estabelecidos.

Muitas tragédias foram encenadas e escritas na época, sendo que o auge das tragédias ocorreu por volta do Século V a.C. Três competidores eram muito requisitados para participar das peças e geralmente, também, eram os vencedores do festival. foram eles: Ésquilo, Sófocles e Eurípedes.

A respeito da tragédia, escreveu Aristóteles:

Falemos da tragédia e, em função do que deixamos dito, formulemos a definição de sua essência própria. A tragédia é imitação de uma ação importante e completa, de certa extensão; deve ser composta de um estilo tornado agradável pelo emprego separado de cada uma de suas formas; na tragédia a ação é apresentada não com a ajuda de uma narrativa, mas por atores. Suscitando a compaixão e o terror, a tragédia tem por efeito obter a purgação dessas emoções. (ARISTÓTELES 1449b 20-27).

O Mito de Prometeu

Prometeu acorrentado é uma das mais antigas tragédias escritas e conservadas possuindo autoria incerta, geralmente atribuída a Ésquilo, fazendo parte de uma trilogia, da qual existem apenas

fragmentos, contendo: *Prometeu portador do fogo e Prometeu libertado*.

Como todas as tragédias, o mito de Prometeu estava no imaginário grego. Prometeu era um Titã descendente de Gaia e Urano e filho de Jápeto. Prometeu, que significa aquele que vê antes, possuía a capacidade da clarividência, ou seja, ele podia ver o que aconteceria no futuro. De acordo com a mitologia, Prometeu foi um dos responsáveis pela criação do homem, junto com seu irmão Epimeteu, criando-o a partir da mistura do barro com um pouco de água seguindo a imagem dos deuses, o homem diferente de outros animais tinha uma postura ereta e ao invés de ficar observando o chão sempre, ele poderia observar os céus e estrelas. Prometeu roubou o fogo divino, de onde também eram produzidos os raios de Zeus, que já era o senhor do Olimpo, e o deu aos seres humanos, concedendo-lhes também inteligência e sabedoria.

Zeus irado, já que o homem tinha muito poder sobre os seres da terra, decide punir Prometeu. Por ser imortal o castigo para Prometeu foi ficar aprisionado em um rochedo nos confins do mundo pelas correntes inquebráveis de Hefesto. Porém, Prometeu sabia que não ficaria preso pela eternidade, já que um descendente de Zeus o libertaria no futuro. Nesse cárcere ocorre toda a ação da tragédia.

Estrutura da tragédia

As tragédias têm uma forma muito específica de escrita, como explica Aristóteles em *Poética*:

Tratamos anteriormente dos elementos das tragédias das quais se devem usar como suas formas essenciais. Quanto às partes distintas em que se dividem, são elas: prólogo, episódio, êxodo, canto coral; compreendendo este último o párodo e o estásimo; estas são comuns a todas as tragédias; (ARISTÓTELES 1452b 15-20)

A tragédia de Prometeu transcorre na Cítia, atualmente corresponde à maior parte da Rússia

oriental. Prometeu, “aquele que vê antes” é considerado teimoso pelos outros personagens da tragédia, isso por que, mesmo tendo que sofrer durante 30 mil anos, ele não quer voltar atrás na sua decisão de ter roubado o fogo divino de Zeus para dá-lo ao homem.

A tragédia inicia-se com a chegada de Prometeu a seu cárcere, a montanha em que será preso pelas correntes poderosas de Hefesto, o deus ferreiro, acompanhado por Poder (Κράτος – Cratos) e Força (Βία – Bia), deuses auxiliares de Zeus. Esses Personagens apresentam os antecedentes da tragédia e os motivos para a prisão de Prometeu. Ao saírem, o Titã se pronuncia e revela sua capacidade de prever o futuro, esse é o prólogo (versos 1- 163). E então, surge o coro da Tragédia, o párodo (versos 164-262); composto pelas Oceanides, filhas do deus Oceano. O primeiro episódio é a conversa de Prometeu com o deus Oceano, que aparece para aconselhar Prometeu a se redimir diante de Zeus, mas Prometeu recusa seus conselhos (versos 263- 519), então o coro entoou o primeiro estásimo (versos 520-559).

No segundo episódio, Prometeu conversa com as Oceanides e depois estas cantam novamente (versos 520-678), Prometeu recebe a visita da atormentada Io, o único ser humano na peça. Prometeu revela a ela que ela será liberta de seus tormentos e também diz que, da linhagem dela, surgirá um filho de Zeus que o libertará. Ele virá ser Héracles, filho de Zeus com a humana Alcmena (versos 719- 1166).

Por fim, após o terceiro estásimo (versos 1167- 1199), surge o mensageiro dos deuses, Hermes, que vem para perguntar quem será o responsável por destronar Zeus e para Prometeu ser submisso a Zeus, caso contrário seu castigo será ainda maior, pois ele receberá a águia de Zeus para comer-lhe o fígado pela eternidade. A tragédia finda com Prometeu e as Oceanides desaparecendo por causa da tempestade, o Êxodo (versos 1200- 1446).

Ao contrário de *Édipo rei*, de Sófocles, modelo de tragédia, segundo Aristóteles, onde o teor trágico

co vai sendo revelado ao longo da história até seu ápice, a tragédia *Prometeu acorrentado* mostra desde o início qual a tragédia e os feitos de Prometeu. A tragédia segue porque todos os personagens que passam pela história tentam fazer Prometeu voltar atrás em seus feitos, mas ele não volta mesmo com todo o sofrimento que possa ter, já que, como ele afirma, isso acabará um dia.

Parte 3 – Comparações entre Jó e Prometeu

Comparação da estrutura trágica

Antes de uma comparação mais aprofundada é importante ressaltar que apesar de o *Livro de Jó* aparentemente não ter sido escrito para ser encenado, sua constituição ainda se dá em forma dramática, através dos diálogos. Mas, Aristóteles afirma: “A tragédia existe em si independente da representação e dos atores” (ARISTÓTELES 1450b, p. 19). Então, para uma tragédia ser considerada, não se precisa, necessariamente, da encenação.

No que Aristóteles escreve na *Poética*, podemos ver uma estrutura clara que deveria haver nas tragédias. Iniciando com o prólogo: “O prólogo é uma parte da tragédia que a si mesma se basta e que precede o párodo (entrada do coro)” (ARISTÓTELES 1452b 20). O prólogo no *Livro de Jó* está contido na primeira narração, contido nos dois primeiros capítulos. Quem os lê, sabe quais são os antecedentes da história e o porquê de Jó estar sofrendo. Este prólogo é finalizado com o primeiro lamento de Jó, que já é em versos. Em *Prometeu acorrentado*, esse prólogo é feito pelos personagens Hefesto e Poder, que claramente apresentam os antecedentes de Prometeu e explicam o porquê dos acontecimentos seguintes, finalizando com a primeira fala de Prometeu.

Segue-se então: “O episódio é uma parte completa da tragédia colocada entre cantos corais completos” (ARISTÓTELES 1452b 20-21). O coro era considerado fundamental na tragédia áti-

ca, pois representava a expressão e pensamentos dos cidadãos e habitantes da cidade. Ele devia ser considerado como parte integrante da tragédia, como um personagem que age (ARISTÓTELES 1456a 25-30). O coro assumia muitas partes narrativas para que o público possuísse mais clareza dos acontecimentos durante as encenações. Em Jó não há Coro, porém, sua função está distribuída entre o prólogo narrativo e os discursos dos amigos de Jó, que representam a opinião pública. O episódio, por outro lado, é possível de ser encontrado no *Livro de Jó*, mesmo sem a presença escrita de coro, observa-se isso na forma clara como são separadas as partes: (os três ciclos de diálogos, a defesa final de Jó, os discursos de Eliú e o diálogo final de Jó com Deus). Em Prometeu, o coro formado pelas Oceanides facilita a percepção da mudança dos episódios, mas, assim como em Jó, a alteração no foco dos discursos, seja pela chegada de outros personagens ou pela alteração de suas motivações, faz com que a mudança dos episódios seja evidenciada.

Por fim, encontra-se o Êxodo que, como o nome diz, é a parte final. “O êxodo (ou saída) é uma parte completa da tragédia, após a qual já não há canto coral” (ARISTÓTELES 1452b 22-23). Em Jó a saída é uma narração final com a explicação dos acontecimentos. Em Prometeu acontece uma tempestade que leva todos os personagens para longe. A diferença na finalização dos textos denota a função inicial deles. Como se vê em *Prometeu acorrentado* a escrita já prevê a necessidade de finalização da peça, já que a encenação acontece no momento presente, o modelo dramático de escrita deve prever também uma solução que se desenrole no presente, enquanto o *Livro de Jó* finaliza de forma épica, ou seja, narração, então não há a necessidade de os acontecimentos finalizarem no momento presente, podendo avançar tanto para o passado quanto para o futuro.

Comparação da forma e conteúdo

Em outra passagem da *Poética*, Aristóteles explica sucintamente o que é a tragédia:

A tragédia é a imitação de uma ação importante e completa, de certa extensão; deve ser composta em um estilo tornado agradável pelo emprego separado de cada uma de suas formas; na tragédia, a ação é apresentada não com a ajuda de uma narrativa, mas por atores. Suscitando a compaixão e o terror, a tragédia tem por efeito obter a purgação dessas emoções (ARISTÓTELES 1449b 21-27).

Observando esta explicação em relação aos dois textos podemos traçar alguns paralelos: Primeiro, que as duas histórias são ações importantes, pois, os personagens acima de tudo são arquetípicos e contemplam em si mais do que a individualidade humana. Depois, a linguagem utilizada tanto em Jó quanto em Prometeu é rebuscada e metafórica tornando o estilo agradável. Além de ambas seguirem um padrão poético por meio de versos e métricas.

Existem diversas similaridades no conteúdo das histórias: primeiro, o fato de que em ambas os personagens possuem uma relação em conflito com seus deuses soberanos: Jó questiona Deus em relação ao que acontece com ele, querendo entender o porquê de sua situação, já que ele não cometia pecados, enquanto Prometeu se volta contra Zeus, que na história aparece como um tirano, dizendo que não voltará atrás no seu feito. Estes atos em ambas as religiões eram considerados tabus, apesar de que na tragédia de Prometeu não chega a ser impróprio pelo fato de que o personagem também é uma divindade, ao contrário do que ocorre posteriormente com as tragédias de Eurípedes, que eram mal vistas neste ponto, exatamente pelas críticas escancaradas aos deuses que partiam de personagens mortais; segundo, os personagens que aparecem para dialogar com Jó e Prometeu, tentam fazê-los mudar de ideia e voltar atrás no erro que cometem; e por fim, o conteúdo delas, não foi criado por seus respectivos autores, mas adaptadas a partir de fábulas, mitos ou histórias passadas oralmente em suas determinadas culturas.

Considerações finais

O *Livro de Jó* possui várias questões em aberto: a datação histórica de sua escrita, quem o escreveu, desde quando existe a história na qual o autor da obra se baseou e se essa história é ou não baseada em fatos reais, além de diversas outras questões que ainda podem ser levantadas a respeito do livro. Porém, com todas as possibilidades de perguntas que poderiam ser respondidas, este artigo se propôs a responder uma específica.

Estudando e analisando atentamente o livro de Jó e usando como comparação a tragédia grega *Prometeu acorrentado*, com a ajuda da poética de Aristóteles, a conclusão a que se chegou foi a de que o *Livro de Jó* não poderia ser considerado uma tragédia se seguirmos os parâmetros apresentados por Aristóteles para a constituição de uma tragédia. Ou seja, do ponto de vista formal (e considerando as diretrizes aristotélicas), o texto não atende plenamente aos requisitos. No entanto, o tema e a forma como se apresenta o personagem, sua “subjetividade” e a relação com seu destino, são bastante próximas aos pressupostos trágicos.

Albin Lesky discute em um capítulo inteiro de *A tragédia grega* a respeito da problemática do trágico, ou seja, o que é necessário para um texto dramático ser definido como tragédia. Lesky, apresenta, nesse capítulo, a conceituação de alguns teóricos que se debruçaram sobre o assunto e, apesar de conclusões, de certa forma, próximas, não houve consenso para uma definição deste. No segundo parágrafo do capítulo, Lesky (2015, 21) evidencia: “É da natureza complexa do trágico o fato de que, quanto maior a proximidade do objeto, tanto menor é a possibilidade de abarcá-lo numa definição”. Assim, mesmo não tendo sido criados na Grécia, ou no mesmo período dos textos trágicos, ainda levam o nome de tragédia textos escritos posteriormente como *Hamlet* e *Otelo*, de Shakespeare, *Fedra*, de Racine e diversos outros.

Sendo assim, mesmo sem o destaque recebido pelas tragédias remanescentes e muitas vezes

esquecido por teóricos, principalmente no meio acadêmico não religioso, por tratar-se de literatura bíblica, o *Livro de Jó* sobreviveu ao tempo e seu conteúdo mantém-se vivo e atual e é inegável que nele existem diversas semelhanças que apontam para os textos trágicos da Grécia, além de ser uma obra

trágica com um deslumbrante conteúdo poético. Portanto, apesar de não ser apresentado como uma tragédia, o *Livro de Jó* ainda é um texto trágico que merece reconhecimento tanto pelo momento no qual foi escrito quanto pelo seu conteúdo. ☆

Referências

- ARISTÓTELES. **Poética e tópicos** I, II, III e IV. São Paulo: Hunter Books, 2013, 192 p.
- BIBLE HUB. 2004-2017. <http://biblehub.com/>. Acesso em 29 de 11 de 2017.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002, 2216 p.
- CASSAIS, José. **Bíblia online SNT**. s.d. <https://bibliaonlinesnt.blogspot.com.br/2017/01/septuaginta-jo-capitulo-42.html>. Acesso em 27 de 11 de 2017.
- ÉSQUILO, SÓFOCLES e EURÍPEDES. **Prometeu acorrentado; Ajax; Alceste**. Tradução: Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- LESKY, Albin. **A tragédia grega**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- ORNELLA, Ednéa Martins. **Jó 14:13-17: significado teológico em seu contexto histórico-social**. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro- PUC-RJ. Rio de Janeiro, 2013.
- PLATÃO. **Protágoras**. Belém do Pará: Editora da Universidade Federal do Pará, 2002.